

Não dilatam fantasias,
 Não mentem por enganar,
 Mas valem-se da bonéca
 No intuito de ensinar.

Cada cousa, cada gesto,
 Da mais ínfima expressão,
 São vistos e aproveitados
 Na esfera da educação.

A bonéca inanimada
 Constitúe sempre o motivo,
 De lições maravilhosas,
 De trabalho evolutivo.

E ha no mundo muitos homens,
 Sem propositos do mal,
 Que guardam muitas bonécas
 Da infancia espiritual.

*

Junto deles, não condenes,
 Não tenhas reprovação,
 Não te faças de menino,
 Estende-lhes antes a mão.

O R E M É D I O

O doente neste mundo
 Que deseje melhorar,
 Jamais encontra remédio
 Saboroso ao paladar.

Por ministrar reconfôrto,
 Fazendo caminho á cura,
 O melhor medicamento
 Tem ressaibos de amargura.

Todo o enfêrmo esclarecido,
 De senso nobre e louvavel,
 Já sabe que seu remédio
 Tem gôsto desagradavel.

Se a molestia é renitente,
 Mais áspera e mais revél,
 A justa medicação
 Amarga, sabendo a fél.

Por vezes, a beberagem
 Não basta á restauração,
 E' preciso o bisturí
 Na zona de intervenção.

Contra o campo infeccioso,
Providencia compulsória,
Angústias do pensamento
Sôbre a mesa operatória.

Ha remédios variados:
Purgante, choque, sangria,
Compressas e pedilúvios,
Recursos de cirurgia.

Sempre o fêl do sofrimento
Amigo, reparador,
Tortura que retifica
A dor que remove a dor.

Se é tão grande o sacrificio
No campo da cura externa,
Pondera sôbre o equilibrio
Necessário á vida eterna.

Nos dias de grandes dores,
Vive a fé, guarda-te em calma.
Grandes males no teu corpo
São remédios na tua alma.

O INCENDIO

Elevam-se labaredas...
O fogo ameaçador
Foi centelha, mas agora
E' incendio devorador.

Ninguém lhe conhece a origem
Obscura, nebulosa,
Ninguém sabe onde se oculta
A mão rude e criminosa.

A fogueira continua
Buscando mais alto nível,
Aumentando de extensão
Quanto ganha em combustível.

Estalam antigos móveis,
Prossegue a destruição;
Em tórno anseio infinito,
Amarga desolação.

Lingua rubra, formidanda,
Varre agora a cumieira.
Toda a casa se esboroa...
E' o ápice da fogueira.